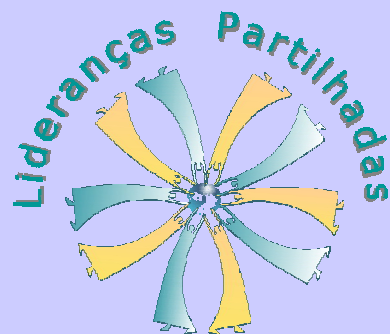


# Percursos de Literacia para a Não-Violência: Lideranças Partilhadas



Fundação Cuidar O Futuro

Cláudia Múrias  
Marijke de Koning  
Raquel Ribeiro  
Alexandra Carvalho

Fundação Cuidar O Futuro

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto  
31 de Maio de 2011

Um Projecto:



Financiado por:



Parceiros:



# Percursos de Literacia para a Não-Violência: Lideranças Partilhadas

Este projecto visa mobilizar a sociedade civil no empoderamento das comunidades.

• Pretende-se desenvolver um olhar crítico na reformulação de lideranças a partir das representações de participação e de responsabilidade partilhadas entre homens e mulheres nos espaços público e privado:

- Workshops de sensibilização *Promover a Qualidade de Vida pela Igualdade de Género*
- Workshops de sensibilização *Introduzir a Igualdade de Género no Reinventar de Lideranças*
- Workshops de sensibilização *Partilhar Lideranças nos Espaços Público e Privado*

• Construindo *Percursos de Literacia* com:

- técnicos de intervenção socioeducativa,
- líderes locais,
- profissionais em lugares de tomada de decisão,
- cidadãos e cidadãs em geral.

# Percursos de Literacia para a Não-Violência: Influências teóricas e metodológicas

## *A Conversa sob inspiração da Maria de Lourdes Pintasilgo...*

“Ela tem a noção de que na conversa se desfazem ideias feitas e só se sente satisfeita quando vê que do outro lado também caem barreiras. Na conversa circulam ideias, muitos factos simples ou questões complexas, pensamentos e modos de sentir. (...)”

A igualdade na conversa não é um dado – é uma conquista, porque também a conversa pode exprimir um poder que se faz tão insistente que mata a própria conversa” (Pintasilgo, 2005: 215-216).

# A *Conversa* sob inspiração de Ann Baker, Patricia Jensen e David Kolb...

## *Aprendizagem pela Conversa (Conversational Learning)*

- Distinguem **diálogo**, caracterizado por “vozes em oposição à procura da verdade”; uma definição que enfatiza a fala, a compreensão e a troca de ideias diferentes. No diálogo, exploramos todas as complexidades da reflexão e da linguagem.
- Na **conversa**, os aspectos emocionais são mais enfatizados. O foco está na compreensão humana, não no aumento de conhecimento teórico e técnico. A conversa é uma experiência em que as pessoas participam (Baker, Jensen & Kolb, 2002).

# *A Conversa sob inspiração de Ann Baker, Patricia Jensen e David Kolb...*

*Baker, Jensen e Kolb apontam para 5 dialécticas estruturantes das learning conversations. É preciso gerir a tensão entre:*

- *Apreensão (experiência) e compreensão (saberes)*
  - *Reflexão (intenção) e acção (extensão)*
  - *Discurso epistemológico (saberes cognitivos) e o recurso ontológico (saberes tácitos)*
  - *Individual e relacional, para permitir a produção de Connected knowledge*
  - *Necessidade de status (ranking) e solidariedade (linking)*
- ... para se criar um espaço receptivo que permita a existência de uma base comum: o Espaço em Branco – a white space (Ine van Emmerik, 2010)*

## A *Conversa* sob inspiração de Ine van Emmerik...

### *o Espaço em Branco*

**Como desenvolver num grupo um contexto, uma atmosfera que permita manter um equilíbrio saudável entre estrutura e espaço livre: como criar um *espaço em branco*?**

Pode ser útil ter presente as 5 dimensões da **aprendizagem pela conversa**:

- Conhecimento integrado: existe um equilíbrio saudável entre a experiência e o conhecimento conceptual?
- Praxis: para reflectirmos sobre a nossa praxis, necessitamos de um equilíbrio entre acção e reflexão.
- Não focalizar a conversa apenas “no que estás a fazer”, mas também “no que és”.
- Intersubjectividade: há espaço para as necessidades individuais e para o relacionamento entre todas as pessoas?
- Hospitalidade: há lugar quer para o estatuto (respeito pela integridade das pessoas), quer para a solidariedade? (Ine van Emmerik, 2010)

## A Conversa sob inspiração de Ine van Emmerik... a *Intervisão*

Na Intervisão cria-se um “espaço em branco” para participantes, um espaço entre o público/trabalho e o espaço privado, um espaço onde cada pessoa possa explorar livremente.

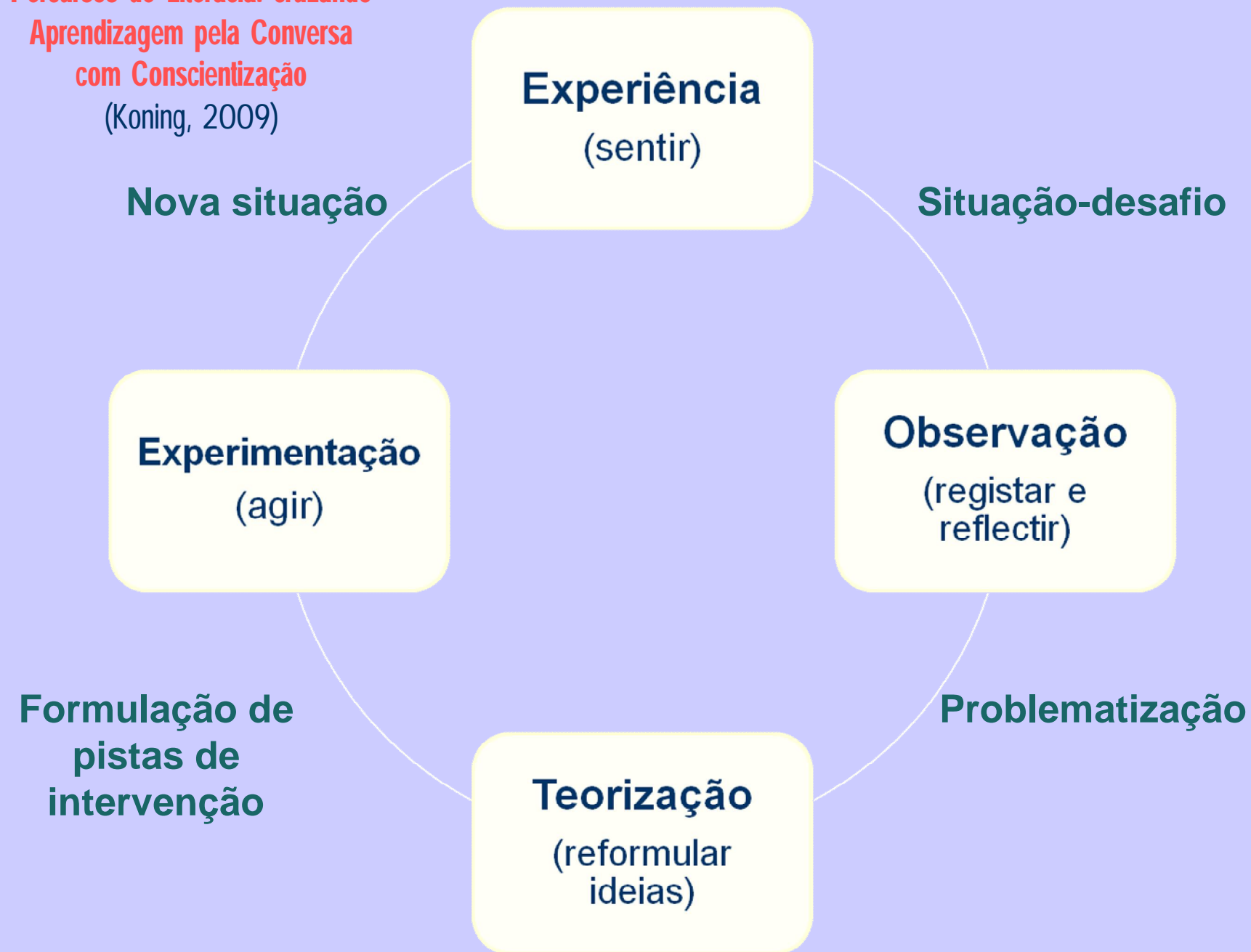
- *Um contexto onde os pares fornecem, numa base mútua, feedback crítico e apoiante no intuito de melhorarem as suas competências profissionais. Focaliza-se no desenvolvimento profissional profundo, sendo facilitado pelo processo de grupo.*
- *Para se estar em intervisão, é necessário um verdadeiro comprometimento dos membros do grupo. Pode-se aprender imenso em intervisão, mas cada participante tem de estar disposto a “entregar”, a “dar-se”.*
- *A confiança, a segurança e a consciência são importantes condições para uma intervisão frutuosa.*

# A *Conversa* sob inspiração de Paulo Freire... a *Conscientização*

- A filosofia de *Conscientização* implica uma educação política no sentido da *polis*, num registo de igualdade de acesso à palavra, onde todas as pessoas possam ser sujeitos de aprendizagem.
- A filosofia da *Conscientização* traduz-se numa metodologia bem definida: Implica *ler o mundo*, dialogar, codificar problemas e construir os desafios necessários para poder seguir o processo de descodificação.
- A metodologia de *Conscientização* significa seguir um caminho para tomar consciência de uma problemática, de agir e intervir, de mudar (uma parte do) mundo.
- Acontece em grupos que partilham um mesmo universo temático e se confrontam com problemas comuns (Koning, 2009).



**Percursos de Literacia: cruzando  
Aprendizagem pela Conversa  
com Conscientização**  
(Koning, 2009)



## Percursos de Literacia para a Não-Violência: cruzando Aprendizagem pela Conversa com Conscientização

- Através da *Aprendizagem pela Conversa* espera-se proporcionar um espaço onde as pessoas encontrem a possibilidade de “abrandar”, discutir e reflectir sobre as suas experiências.
- Conversar com o objectivo de “encontrar novos sentidos” e “deixar emergir novos conhecimentos”, e assim desenvolver um olhar crítico sobre a realidade promotor da construção de práticas inovadoras:
  - *Contar* para formular ideias e reconhecer motivações, intenções, objectivos e resultados.
  - Escutar abertamente para não activar preconceitos sociais.
  - *Problematizar*, a história contada, para analisar o seu contexto político-cultural *regulador* ou *emancipador*.
  - *Formular alternativas* para perspectivar a *acção*.

Em cada workshop, é utilizado um conjunto de *textos-desafio* que permita estimular a reflexão e promover os *Percursos de Literacia* (Koning, 2009).

## Percursos de Literacia para a Não-Violência: sob inspiração da Comunicação Não-Violenta de Marshall Rosenberg

A comunicação não-violenta, segundo Marshall Rosenberg, autor do livro “Comunicación no-violenta: desarmante y eficaz”, é falar e escutar a partir dos nossos sentimentos e das necessidades que lhes estão subjacentes. A comunicação começa com a observação de nós mesmos e das pessoas com que estamos a comunicar:

- Observar é notar o que alguém sente e pensa sem julgar à priori. Isto parece fácil, mas na realidade é difícil, porque geralmente atribuímos opiniões ao que vemos ou escutamos. Escutar abertamente, sem julgar ou sem uma reacção imediata, dá-nos a possibilidade de ver o que realmente existe dentro de nós mesmos ou dentro das outras pessoas.

## Percursos de Literacia para a Não-Violência: sob inspiração da Comunicação Não-Violenta de Marshall Rosenberg

- O segundo passo é descobrir as nossas necessidades e as necessidades das pessoas com quem estamos a comunicar. Estas necessidades não são pessoais, mas humanas, isto é, a espécie humana partilha uma série de necessidades como a segurança, autenticidade, criatividade, aceitação, respeito, confiança, protecção, etc. O que pode diferir é a forma como queremos satisfazer estas necessidades.
- O passo seguinte é tomar responsabilidade pelos nossos sentimentos, pensamentos e necessidades.
- Depois, é necessário expressar, junto das outras pessoas, que necessitamos delas. Faz-se de forma concreta, clara, aberta, respeitosa e sem censuras (Jeannette Claessen, 2010).

## Percursos de Literacia para a Não-Violência: sob inspiração da Comunicação Autêntica de Jeannette Claessen

- Comunicação autêntica significa vencer os medos e ligar-se com a corrente da vida. Na comunicação, entram em jogo um conjunto de:
  - sentimentos (sentir e reconhecê-los)
  - pensamentos (investigá-los)
  - necessidades (reconhecê-las e actuar)
- O objectivo é estar ligado com o ambiente. Não é necessário cumprir as expectativas e experiências de outras pessoas. Comunicação autêntica é tomar nas tuas próprias mãos a qualidade da tua vida, para viver com respeito e harmonia contigo mesma, com as outras pessoas e com o ambiente que te rodeia. É, então, viver com a diferença!

# Percurso de Literacia para a Não-Violência: sob inspiração da Comunicação Autêntica de Jeannette Claessen

Comunicação autêntica segue os seguintes aspectos básicos:

- **Aqui y agora**

Ligar-te como o que acontece neste momento, evitar palavras como "sempre" ou "nunca"

- **Clareza**

Ter clareza relativamente àquilo que queres e necessitas; direccionar de forma diferente a tua frustração e tristeza

- **Investigar**

Se comunicas as tuas percepções a outra pessoa, é sempre necessário investigar se ela reconhece o mesmo que tu estás a perceber.

- **Ligação**

Com os teus sentimentos, necessidades, e desde ali, com as demais pessoas e com o mundo

- **Movimento**

Da vida em si mesma, tudo aquilo em que te fixas, perde qualidade

- **Respirar**

Todas as pessoas necessitam de espaço, ar livre, liberdade, quanta mais liberdade houver, mais te podes expressar e viver, expressando todas as qualidades que tens

- **Responsabilizar-te**

Não há nada que te possa fazer feliz, excepto tu.

# Percursos de Literacia para a Não-Violência: sob inspiração dos *sujeitos nómadas* de Rosi Braidotti

**Rosi Braidotti** define o sujeito nómada como uma “forma de pensar” em que se trata de “uma consciência crítica que recusa a nidação em padrões dominantes de pensar e agir”:

“Nem todos os nómadas viajam pelo mundo fora; as melhores viagens podem ser feitas sem abandonar fisicamente a casa. O que caracteriza o estado nómada é a fuga à convenções existentes, não o acto literal de viajar. Na subjectividade nómada não se trata do ‘ser’, mas do ‘devir’” (Braidotti, 2004:72).

“A identidade nómada pode ser vista como um mapa de lugares por onde o sujeito já passou. O sujeito nómada é capaz de reconstituir esse mapa, como uma sequência de passos numa descrição da rota. (...) O sujeito nómada (...) é um projecto que tem como objectivo deixar cair a aspiração pelas origens, todo o desejo de não mudança” (Braidotti, 2004:69).

# Percursos de Literacia para a Não-Violência: Lideranças Partilhadas

- *Voz das Mulheres*

Eu acho que li isto algures, foi dito por uma feminista: 'eu não quero que as mulheres tenham mais poder do que os homens, eu quero que elas tenham mais poder sobre si próprias e o seu poder de decisão'".

"O tema é mesmo o respeito pela individualidade e pela singularidade de cada um. Se cada um se respeitar a si e conseguir respeitar o outro, e O espaço, e a diversidade que acompanha os contextos e as vivências de cada um, Acho que aí conseguia-se, realmente, alcançar a igualdade de género".

"O próprio nome indica, igualdade. Não é ser inferior ou superior a ninguém. É estarmos no mesmo patamar sabendo que realmente há diferenças de género. Há! É homem e é mulher, também foi feito diferente. Mas é lutar pela igualdade, não é ser superior nem inferior".



# Percursos de Literacia para a Não-Violência: Lideranças Partilhadas

## *Evitar o silenciamento de profissionais...*

“O conhecimento é também uma forma de poder, e poder de transgredir aquilo que está instituído e portanto... e confundimos muito as coisas com a ‘ordem natural’, como se fosse assim, ponto final. E pela conversa, nós percebemos que as coisas não são assim ponto final, porque nos fizeram crer que eram assim. E nesse sentido, há aqui uma acção que pode ser libertadora. E falamos muito na questão... do facto da conversa poder estar associada aos sentimentos, o que é que as pessoas sentem nestas partilhas...”

# Percursos de Literacia para a Não-Violência: Lideranças Partilhadas

## *Evitar o silenciamento de profissionais...*

- “Trabalhamos há muitos anos e sabemos que na generalidade das intervenções não é desenvolvida a participação nem o *empowerment* das pessoas. Não é. Até porque os projectos têm um tempo, têm uma duração, depois também há metas, depois há indicadores, depois há isto e aquilo. Portanto, muito do trabalho que é feito é muito na base de que, nós técnicos, sabemos o que é melhor para vocês. E esta atitude não promove a participação, não promove a auto-estima, não promove a qualidade de vida dos utentes. Não tenhamos ilusões. Portanto, promover a participação, que é um bocado aquele conceito de conscientização de Paulo Freire, é algo muito demorado, muito demorado e que exige um trabalho.... E exige que os próprios técnicos, às vezes, tenham competências pessoais e sociais que não têm”.

# Percursos de Literacia para a Não-Violência: Lideranças Partilhadas

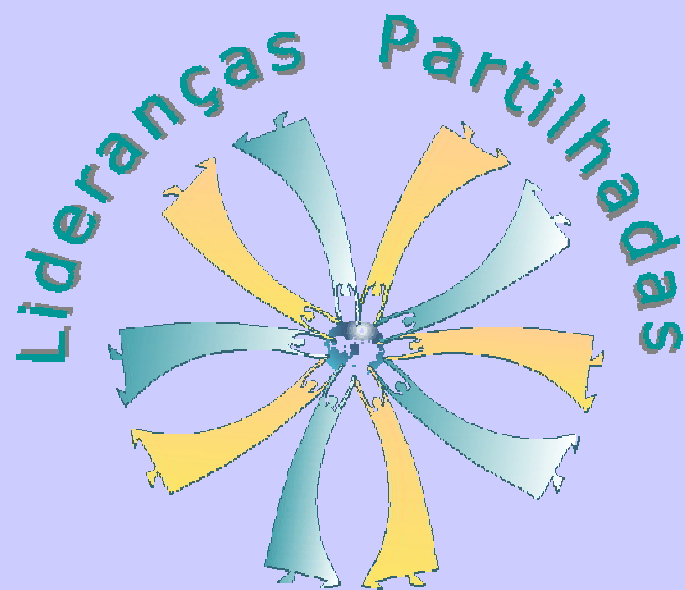
## *Promover uma Agência para a Transformação Social*

“Essa liderança partilhada seria, justamente, a possibilidade de todos terem voz através de uma negociação, chegar a consensos em que todos ganham...saber lidar com as emoções. Porque saber lidar com as emoções, também é saber impor limites. É saber perceber, conseguir estar no lugar do outro, perceber o que se passa no outro, perceber a visão do outro e o outro tem que se perceber que há limites”.

“Vou só introduzir-vos alguns aspectos básicos do grupo de discussão. O primeiro é na medida em que todos queiram, todos devem tomar a palavra, e todos devem escutar quem toma a palavra no momento. A sequência das coisas que se vão dizer podem prender-se quer com estarem a reagir a algo que foi dito mas, fundamentalmente, também importa que, mesmo que isso aconteça, falem a partir do que teriam a dizer e depois podem fazer uma *linkagem* aquilo que for resposta ou conexão com a intervenção de outros. Mas nunca deixem de colocar aquilo que seria o vosso contributo mesmo que seja... mesmo que sintam que possa ser repetido ou que... não importa. É a vossa expressão que tem de estar registada. Tem a ver com a tal questão de manter a conversa como algo que vai de enfiada que todos possam expressar aquilo que são as suas reflexões”.

# References

- BAKER, JENSON and KOLB (2002). *Conversational learning: an experiential approach to knowledge creation*. Westport CT: Quorum Books.
- BRAIDOTTI, Rosi (2004). *Op Doorreis. Nomadisch Denken in de 21<sup>ste</sup> Eeuw*. Amsterdam: Boom.
- FREIRE, Paulo (1972). *Pedagogia do oprimido*. Porto: Afrontamento.
- KONING, Marijke de (2009). "Abrandar no espaço em branco. Dar relevo ao fundo dos textos sobre a liderança". In: Macedo, Eunice; Koning, Marijke de. *(Re) Inventando Lideranças: Género, Educação e Poder*. Porto: Fundação Cuidar O FuturoLivpsic
- PINTASILGO, Maria de Lourdes (1998). "Prefácio". In: *Paulo Freire: política e pedagogia*. Porto Editora.
- PINTASILGO, Maria de Lourdes (2005). *Palavras Dadas*. Lisboa: Livros Horizonte (pp.215-216)



Fundação Cuidar O Futuro

<http://liderancaspartilhadas.blogspot.com>

[liderancas@gmail.com](mailto:liderancas@gmail.com)

<http://www.fcuidarofuturo.com>

Um Projecto:



Financiado por:



Parceiros:

